

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

**O DRAMA DE RAVEL: ESTUDO DE CASO DE UMA
REPORTAGEM**

**LEANDRO DOS SANTOS FERREIRA
THALES COELHO MACHADO**

RIO DE JANEIRO
2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO - UFRJ

JORNALISMO

**O DRAMA DE RAVEL: ESTUDO DE CASO DE UMA
REPORTAGEM**

Projeto Experimental submetido à Banca de Graduação
como requisito para obtenção do diploma de
Comunicação Social/ Jornalismo.

LEANDRO DOS SANTOS FERREIRA

THALES COELHO MACHADO

Orientador: Prof.^a Cristina Rego Monteiro

RIO DE JANEIRO

2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia o Projeto Experimental **O drama de Ravel: um estudo de casa de uma reportagem**, elaborada por Leandro dos Santos Ferreira e Thales Coelho Machado.

Projeto Experimental examinado:
Rio de Janeiro, no dia 11/12/2013

Comissão Examinadora:

Orientadora: Profa. Dra. Cristina Rego Monteiro

Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação - UFRJ

Departamento de Comunicação – UFRJ

Profº Dr. Gabriel Collares Barbosa

Doutor em Comunicação pela Escola de Comunicação – UFRJ

Departamento de Comunicação – UFRJ

Profº Dr. William Dias Braga

Doutor em Comunicação pela Escola de Comunicação – UFRJ

Departamento de Comunicação - UFRJ

RIO DE JANEIRO

2013

FICHA CATALOGRÁFICA

FERREIRA, Leandro dos Santos

MACHADO, Thales Coelho

O drama de Ravel: estudo de caso de uma reportagem. Rio de Janeiro, 2013.

Projeto Experimental (Graduação em Comunicação Social/
Jornalismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de
Comunicação – ECO.

Orientadora: Cristina Rego Monteiro

MACHADO, Thales Coelho. FERREIRA, Leandro dos Santos. **O drama de Ravel: estudo de caso de uma reportagem.** Orientadora: Cristina Rego Monteiro Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Projeto Experimental em Jornalismo.

RESUMO

Este trabalho de conclusão é um produto jornalístico, um projeto experimental a respeito de uma reportagem produzida pelos autores para os canais ESPN. A história de Ravel, jovem atleta brasileiro, esperança olímpica no Vôlei de Praia para 2016, que teve sua casa destruída pelas transformações urbanas que a cidade sofre para receber os Jogos Olímpicos – uma reportagem em vídeo, somada a um reencontro com os protagonistas da história, sete meses depois. O trabalho foi desenvolvido a partir de um olhar acadêmico, articulando conceitos teóricos, para um formato que transita entre a videoreportagem tradicional e o documentário.

AGRADECIMENTOS

Há um grupo grande de pessoas a quem gostaria de agradecer. No entanto, espero que tenha tido, mesmo que inconscientemente, a sensibilidade de tê-las feito perceber diariamente o quão importante são na minha formação como pessoa. E ainda serão. Assim, agradeço a todos, e todos sabem que me refiro a eles.

Leandro dos Santos Ferreira

Como o Leandro, espero a mesma sensibilidade de agradecer a cada um nesta trajetória. Os merecedores do meu muito obrigado jamais se resumirão a uma folha de papel. Ainda assim, não sei bem o porquê, faço uma questão de nominar alguns. Sou de fora, me senti acolhido nessa cidade nesses três anos e meio, e talvez seja o momento de registrar um ou outro nome nessa ínfima posteridade.

Primeiro, ao próprio Leandro, companheiro dessa jornada corrida, que tão me recebeu bem na ESPN, escola sensacional de jornalismo. É lá que também dedico nosso muito obrigado às pessoas que nos ajudaram nesse projeto, destacando Eduardo Tironi, Antônio Mansur, Gerônimo Nespoli e Luiz Ribeiro que tiveram participação direta nessas páginas, mas sem esquecer os outros, toda sucursal do Rio de Janeiro. Sem esquecer os amigos de sites onde ousaram me deixar escrever: amigos do Impedimento, do Goal.com e do Sambafoot.

À Cristina, orientadora, pela paciência e por “confiar no meu taco”, seja lá o que isso signifique. Ao pai, mãe, irmão por confiarem no meu taco e deixarem que esse sonho carioca se realizasse quando não parecia que as coisas dariam tão certo.

Para Amanda, para o Pedro, e no finzinho, para o Léo. Companheiros de casa e de sotaque mineiro, que ajudaram na adaptação do calor bom e do calor ruim do Rio de Janeiro. Nada seria igual sem o apartamento 804 das Laranjeiras.

Para a turma do Jornalismo, meu muito obrigado por me aguentarem nas não presenças e na colaboração. Se faltou tomar mais cerveja, não faltou cooperação com o colega mais velho aqui.

Por último, e mais importante, à turma mais sensacional que vivi no mundo universitário (e olha que foram quase uma década de graduação). Os três primeiros períodos, noturnos, na companhia daqueles jovens da década de 1990 foram inesquecíveis e formadores. Formei-me bastante como pessoa ali com aqueles futuros publicitários, jornalistas e cineastas e sabe-se lá o que mais. Sentirei saudades daquelas noites de Big John, de outras quintas divertidas. O cara que chegou velho com 23 anos sai mais novo com 26 por culpa desse pessoal. Não tem como não destacar Camila, companheira perfeita de cabeça e coração nesse Rio que parecia nosso. Impossível vencer desse jeito sem ela e até sem a família dela, a quem também digo obrigado.

Impossível vencer a briga de tentar lembrar de todo mundo que merece minha gratidão nesses três anos.

Fica registrado, talvez para a tal ínfima posteridade. Historiador, Jornalista e pessoa. Em formação, apesar da formatura. Está valendo a pena.

Thales Coelho Machado

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	09
2. A CIDADE, AS OLIMPÍADAS E RAVEL.....	12
2.1. Projeto Urbanístico para 2016.....	13
2.2. O drama de Ravel.....	21
3. LEITURAS TEÓRICAS.....	27
4. O DOCUMENTÁRIO REPORTAGEM – RELATÓRIO TÉCNICO.....	34
4.1 – Pré Produção.....	34
4.2. – Produção.....	34
4.3 – Gravação.....	35
4.4 – Edição.....	36
4.5 – O reencontro – Detalhes da produção, gravação e edição.....	37
4.6 – Relatório de reportagem.....	38
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	47

1. INTRODUÇÃO

A história de Ravel Gonçalves, jogador de vôlei de praia é dramática. Esperança para os Jogos Olímpicos de 2016, no Rio, ele vê a Olimpíada atrapalhar sua vida. As obras para a realização dos Jogos passaram por sua casa e sua família, viu o lar destruído pelas máquinas da prefeitura. A história chamou atenção do repórter Ary Cunha, que em Março de 2013 fez ampla reportagem no caderno de Domingo do jornal “O Globo” sobre o assunto. Pouco mais de um mês depois, motivado pela matéria do periódico, o canal de TV fechada ESPN Brasil fez a mesma matéria, abordando a história do atleta e da família, em reportagem de autoria dos estudantes que escrevem o presente trabalho.

A repercussão da reportagem foi um pouco maior que a esperada, e obtivemos um bom resultado com os seis minutos e vinte e quatro segundos de material audiovisual que produzimos. Com tudo acontecendo perto do período de decidirmos o tema da monografia, foi fundamental trazeremos a reportagem à tona e tendo ela como base, fazermos dois tipos de trabalho.

O primeiro deles foi um material audiovisual, um misto de curta documentário, misturada com a reportagem, em algo definido como “docutagem” por nós, e pela orientadora, a Prof.^a Cristina Rego Monteiro. O trabalho, com cerca de 11 minutos de duração, mostra a história de Ravel em dois tempos. Na primeira parte, mostramos na íntegra, a versão completa da reportagem exibida na TV, produzida e reportada por nós. Na segunda, após algumas telas que mostram a repercussão da reportagem, temos novas entrevistas com Ravel e sua mãe, sete meses depois das primeiras gravações, comentando tudo o que aconteceu com eles e com o país no período indicado. Em uma linguagem um pouco mais de cinema documentário do que de reportagem, a segunda parte mostra entrevistas alternadas, com os personagens opinando e informando acerca da situação da família.

A reportagem, primeira parte da “docutagem”, é baseada em uma sobre o mesmo tema, com os mesmos personagens, vinculada pelo jornal “O Globo”, algumas semanas antes. Na redação, a proposta surgiu do editor Eduardo Tironi, que designou os autores, Thales Machado e Leandro Ferreira, na reportagem e produção de um VT sobre o tema. Após a produção, gravação,

edição e veiculação da matéria, percebeu-se que a pauta ganhara mais repercussão na TV e uma nova cara, com um tom mais emocional, e igualmente informativo, como observado na matéria escrita de “O Globo”. Tal fato gerou questionamentos fundamentais na produção deste trabalho.

A ideia da parte impressa da monografia é discutir todo o processo jornalístico para uma reportagem de televisão sob a égide de uma mesma pauta, um mesmo assunto, que outrora já fora publicado em outra plataforma. Desde o surgimento da pauta, passando pela pré-produção, com destaque para a produção, veiculação e consequente repercussão, a ideia é, além de diferenciar e comparar os processos de uma TV e de um jornal, discutir e entender questões do jornalismo.

Além de entender o passo a passo da produção e compreender as diferenças de uma mesma pauta pelo olhar do jornalista do impresso e da TV, o estudo de caso permite discutir a produção de uma reportagem a partir da referência de outra já existente. Como, no caso, a reportagem impressa veio primeiro, o trabalho quer entender e discutir o recente aumento no número de plataformas e as consequências disso para a produção de pautas, que não pode ser levado à discussão sem se referenciar pela diminuição da cobertura presencial. Ou seja, pelo empobrecimento de ofertas da pauta pode estar havendo uma tendência à realimentação dos assuntos em circuito "fechado" nos veículos e até ao aprofundamento de abordagem de uma matéria já dada. Esse “novo” momento do jornalismo trouxe também a diminuição da importância do “furo”, ou sua pouca utilização, em contrapartida com a relevância de histórias que não deixam com que um assunto não tão explorado se esgote.

Dentro dos nossos próprios limites intelectuais, de tempo e de dedicação, e empurrados por leituras, orientações, conversas e reflexões, apresentamos um trabalho que ao menos toca em assuntos importantes. O diferencial é que o estudo e a reflexão não são sobre algo distante, que acompanhamos como simples telespectadores ou mesmo pesquisadores. Somos participantes da reportagem na qual fazemos um estudo de caso e que gravamos e montamos um curta documentário sobre ela e com a própria matéria.

No capítulo 2, logo após esta introdução, contextualizamos a realidade socioeconômica pela qual o Rio de Janeiro, em fase de preparação para receber a Copa do mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016, passa e traçamos um paralelo com os acontecimentos que viveram Ravel e sua família. Fizemos uso de alguns dados objetivos – mapas, estatísticas e tabelas. Essas informações foram retiradas de um trabalho que foi de grande importância para essa monografia: “Megaeventos e violações dos direitos humanos no Rio de Janeiro”, um dossiê organizado pelo Comitê Popular da Copa e Olimpíadas, fundamental tanto para a parte escrita, quanto para a audiovisual, além de servir a quem consulta esta monografia, como referência excelente para o tema.

O capítulo segue com uma apresentação da história da família personagem e com todo o drama da reportagem, apresentado com um número um pouco maior de dados e detalhes. Dentro do contexto apresentado na primeira, mostramos Ravel e a família Gonçalves, bem como detalhes jornalísticos da produção e gravação da matéria. É detalhada também a repercussão da matéria, as reações e os caminhos que nos levaram a voltar até a família para a produção dos extras desta reportagem, que viraram o trabalho acadêmico.

O capítulo 3 indicará os conteúdos teóricos utilizados para transformar a “docutagem” em um trabalho acadêmico. Utilizamos principalmente as ideias e definições de Milton Santos. Em especial suas explicações sobre espaço geográfico e a correlação deste os períodos da história e seus respectivos avanços tecnológicos. Guy Standing foi outro autor de fundamental importância. Merece destaque sua ideia de uma nova classe social decorrente do gradual crescimento da competitividade no mercado de trabalho.

Por fim, o último capítulo antes das considerações finais dá uma ideia maior do documentário reportagem, detalhando todos os processos de produção e apresentando o roteiro detalhado do material audiovisual. É detalhado o processo de pré-produção, produção, gravação, edição, bem como todo o reencontro com a família e a confecção e transformação da reportagem em trabalho acadêmico.

2. A CIDADE, OLIMPÍADAS E RAVEL.

O sonho brasileiro de sediar os Jogos Olímpicos é mais antigo do que possamos imaginar. Nos anos de 1930, a cidade do Rio de Janeiro lançou candidatura independente para ter o evento em 1936. “Independente” porque o fez sem a anuência do Comitê Olímpico Brasileiro (COB), fundado em 1913¹. A entidade ainda não era institucionalizada e sequer centralizava os pedidos interno para sediar os Jogos conforme passou a fazer a partir da década de 1990. A proposta não passou sequer pela primeira fase de triagem do Comitê Olímpico Internacional (COI). Em 1931, dois anos antes de Adolf Hitler chegar ao poder, Berlim, na Alemanha, venceu a espanhola Barcelona por 43 votos a 16 e se tornou cidade-sede.

A segunda oportunidade de trazer os Jogos para terras tupiniquins começou em 1992. E veio em um momento em que o COB já detinha o poder político sobre os esportes olímpicos brasileiros que se vê atualmente. Brasília pleiteou a sede das Olimpíadas de 2000, que acabou sendo realizada em Sydney, na Austrália. Após investimento de cerca de R\$ 9 milhões, a capital federal desistiu antes mesmo da primeira rodada de eliminações promovida pelo COI. O motivo? Apesar de todo o valor gasto, o projeto apresentava diversas falhas técnicas. Um fracasso retumbante.

Para as Olimpíadas de 2004 e 2012, o Rio de Janeiro voltou à cena. Em sua segunda tentativa, a cidade investiu cerca de R\$ 18 milhões na candidatura, mas o COI optou por Atenas, na Grécia. A terceira começou com vitória interna sobre São Paulo, que também desejava o posto de cidade-sede. O Rio investiu mais de oito vezes o valor da concorrente na sua candidatura: R\$ 16,5 milhões contra R\$ 2 milhões dos paulistanos. Uma vez mais sequer passou da primeira fase de triagem.

Mas o sucesso enfim chegou. E não só. Chegou acompanhado por mais e mais gastos. Para receber os Jogos Olímpicos de 2016, primeira edição do evento a ser realizada na América do Sul, foram gastos R\$ 138 milhões apenas na campanha. Surtiu efeito pretendido. O COI foi convencido e decidiu pela Cidade Maravilhosa em uma disputa que ainda contava com Madri, Tóquio e Chicago.

2.1. Projeto Urbanístico para 2016

A escolha do Rio de Janeiro como sede das Olimpíadas é um marco para o início de obras urbanas por toda a cidade. Segundo o site da Prefeitura Municipal, mais de vinte projetos foram desenvolvidos vinculados aos Jogos Olímpicos. A soma do custo de todos eles resulta em um gasto total superior a R\$ 22 bilhões.

No que diz respeito a moradias, os dois principais projetos ligados às Olimpíadas são o Morar Carioca – amplo programa habitacional visando à integração urbana de todas as comunidades cariocas até o ano de 2020 – e o Bairro Carioca – condomínio residencial construído em um antigo terreno no bairro de Triagem, na Zona Norte, e destinado a famílias que antes viviam em área de risco ou mesmo aquelas que não possuíam moradia.

O site oficial dos Jogos Olímpicos de 2016¹ se refere a “projeto urbanístico” apenas em relação ao Parque Olímpico. O projeto do local foi uma coautoria entre o urbanista australiano Adam Williams e o arquiteto britânico Bill Hanley e traça planos de urbanização para uma de mais de 1.000km² na região do Autódromo de Jacarepaguá. As diretrizes para o plano urbanístico estabelecem que, após os Jogos, parte da área deve se transformar em um bairro, enquanto outra – com estruturas olímpicas permanentes – dará lugar ao Centro Olímpico de Treinamento (COT).

As modalidades olímpicas serão disputadas em 2016 em quatro áreas diferentes da cidade. O Parque Olímpico supracitado está na região da Barra, que ainda conta com o polêmico campo de golfe na Reserva Marapendi. O Rio conta com dois importantes centros de golfe: Gávea Golf Club e Itanhangá Golf Club, mas ambos não têm instalações de nível olímpico. Assim, um novo será construído dentro da Área de Proteção Ambiental de Marapendi.

Esse local é marcado por outra polêmica: a construção de um hotel de luxo na Praia da Reserva. O local ainda tem vegetação típica de mangue e já fez parte da área de preservação

¹ <www.rio2016.com>

ambiental de Marapendi. A Prefeitura justifica a obra alegando que a área já era degradada e o hotel aumentará a rede hoteleira da cidade para as Olimpíadas.

Já na área do Maracanã, a polêmica foi com a Escola Municipal Friedenreich e o terreno do prédio do Museu do Índio, onde ficava a Aldeia Maracanã. A escola seria destruída e os indígenas foram obrigados a deixar o local. Mediante resposta negativa, chegaram a ser expulsos. Após as manifestações populares, iniciadas em junho, o prefeito Eduardo Paes tombou tanto a escola quanto o prédio e freou assim as obras de adaptação do ginásio do Maracanãzinho para 2016.

Outro local onde os moradores estão sendo afetados pelas obras olímpicas é na região portuária. A obra do Porto Maravilha, que promete revitalizar toda a região, já desapropriou e expulsou centenas de moradores do Morro da Providência. A justificativa é que as moradias foram construídas em uma área com alto risco de deslizamentos. As remoções foram feitas sem atender necessidades básicas dos moradores e foram criticadas em relatório da Organização das Nações Unidas (ONU):

Jamais a situação pode ser pior do que a atual. Tem que ser igual, ou melhor. Isso não tem a ver com a casa, o tamanho, mas envolve também o acesso à infraestrutura, equipamentos, educação, saúde, lazer, oportunidade de trabalho e renda (ROLNIK, Raquel: depoimento [ago. 2011]. Entrevistadora: Carolina Lauriano. Rio de Janeiro. Entrevista concedida ao site G1)

No quadro abaixo, é possível conferir o número de remoções na cidade do Rio de Janeiro por conta dos grandes eventos que a cidade vem recebendo desde 2013, com a Copa das Confederações, a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas, em 2016:

Tabela2. Síntese do número de famílias removidas ou ameaçadas de remoção, por comunidade, Cidade do Rio de Janeiro, 2013.

Comunidade	Tempo de ocupação	Nº de famílias removidas	Nº de famílias ameaçadas	Total de famílias	Justificativa
1. Largo do Campinho / Campinho	1980	65	Removida	65	BRT TransCarioca
2. Rua Domingos Lopes (Madureira)	s/i	100	Removida	100	BRT TransCarioca
3. Rua Quáxima (Madureira)	1970	27	Removida	27	BRT TransCarioca
4. Penha Circular	s/i	40	Removida	40	BRT TransCarioca

5. Largo do tanque	s/i	66	Removida	66	BRT TransCarioca
6. Arroio Pavuna (Jacarepaguá)	1938	68	28	96	Acesso à Condomínio de luxo, viaduto para o BRT TransCarioca e preservação ambiental
7. Vila das Torres (Madureira)	1960	300	Removida	300	Construção do Parque Municipal de Madureira/ “Legado” associado à TransCarioca
8. Restinga (Recreio)	1994	80	s/i	80	BRT TransOeste
9. Vila Harmonia (Recreio)	1911	120	Removida	120	BRT TransOeste
10. Vila Recreio II (Recreio)	1996	235	Removida	235	BRT TransOeste
11. Notre-dame	s/i	52	s/i	52	BRT TransOeste
12. Vila da Amoedo	s/i	50	s/i	50	BRT TransOeste
13. Vila Taboinha	1990	---	400	400	Reintegração de posse
14. Asa Branca (Curicica)	1986	---	s/i	s/i	BRT TransOlimpica
15. Vila Azaleia (Curicica)	1990	---	100	100	BRT TransOlimpica
16. Vila União (Curicica)	Década de 1980	---	3.000	3.000	BRT TransOlimpica
17. Colônia Juliano Moreira	1935	---	400	400	BRT TransOlimpica
18. Metrô Mangueira	1980	566	46	612	Estacionamento para o Estádio do Maracanã
19. Vila Autódromo (Jacarepaguá)	1985	---	500	500	Parque Olímpico, BRT TransOlimpica e preservação ambiental
20. Belém-Belém (Pilares)	1972	---	300	300	Construção de novo acesso para o Estádio João Havelange (Engenhão)
21. Favela do Sambódromo	s/i	60	Removida	60	Alargamento do Sambódromo
22. Morro da Providência	1897	140	692	832	Implantação de teleférico e plano inclinado, e área de

					risco
23. Ocupação Machado de Assis	2008	150	Removida	150	Projeto Porto Maravilha
24. Ocupação Flor dos Asfalto	2006	30	Removida	30	Projeto Porto Maravilha
25. Ocupações na Rua do Livramento	s/i	---	400	400	Projeto Porto Maravilha
26. Ocupação Boa Vista	1998	35	Removida	35	Projeto Porto Maravilha
27. Quilombo das Guerreiras	2006	---	50	50	Projeto Porto Maravilha
28. Zumbi dos Palmares	s/i	133	Removida	133	Projeto Porto Maravilha
29. Ocupação Carlos Marighela	s/i	47	Removida	47	Projeto Porto Maravilha
30. Ocupação Casarão Azul	s/i	70	Removida	70	Projeto Porto Maravilha
SUBTOTAL I		2.434	5.916	8.350	Copa do Mundo de 2014 e Jogos Olímpicos de 2016
31. Tabajaras / Estradinha	1986	252	100	352	A Prefeitura alega que a área é de risco
32. Virgolândia	Década de 1980	600		600	Faixa Marginal de Proteção
33. Pavão-Pavãozinho	1930	300	---	300	A Prefeitura alega que a área é de risco
34. Santa Maria	1942		150	150	Área de risco no pico do Santa Maria
35. Vidigal	1941		40	40	Área de risco
36. Horto	1811	3	520	523	Interesse ambiental e patrimônio histórico
37. Indiana	1957	110	571	627	Área de risco
SUBTOTAL II		665	1.927	2.592	Interesse imobiliário, ambiental e área de risco
TOTAL		3.099	7.843	10.942	

s/i = sem informação / **Fontes:** (I) Relato de lideranças à Relatoria Dhesca, Comitê Popular da Copa e Olimpíadas: 1, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 18, 24, 32, 33

O Rio de Janeiro está passando por um processo de mercantilização e elitização. Um processo que se dá principalmente em áreas antes pouco valorizadas, mas que passaram a ser

contempladas com investimentos públicos. A Prefeitura Municipal promove uma dinâmica de remoções compulsórias, que está associada a grandes obras urbanas, motivadas não apenas pela realização dos Jogos, mas também da Copa do Mundo, em 2014. O dossiê feito pelo Comitê Popular da Copa e Olimpíadas no Rio de Janeiro, atualizado em maio de 2013, explica como as expulsões são feitas:

No caso do Rio de Janeiro, fica claro que o projeto de atração de investimentos tão propagandeado pelo poder público municipal e estadual com a realização da Copa do Mundo de futebol de 2014 e dos Jogos Olímpicos de 2016 tem como um componente importante à expulsão dos pobres das áreas valorizadas, como o bairro da Barra da Tijuca e do Recreio, ou que serão contempladas com investimentos públicos, como os bairros de Vargem Grande, Jacarepaguá, Curicica, Centro e Maracanã. Nestes bairros, áreas de expansão do capital imobiliário, a Prefeitura Municipal atua como uma máquina de destruição de casas populares. A maioria das remoções está, portanto, localizada em áreas de extrema valorização imobiliária. Os investimentos públicos realizados em transporte (BRTs) privilegiaram esses mesmos espaços, multiplicando as oportunidades de outros investimentos e de retorno financeiro na produção habitacional para classes média e alta e na produção de imóveis comerciais. Quanto às construções destinadas aos atletas e equipamentos esportivos – vila dos atletas no Rio Centro e Parque Olímpico – após os Jogos, serão transformadas em empreendimentos residenciais de luxo, comercializados pelas empreiteiras “parceiras” dos governos municipal e estadual².

Milton Santos, geógrafo baiano vencedor do Prêmio Vautrin Lud, uma espécie de Nobel da área, em 1994, afirma sobre esta relação que a crescente interdependência entre governos, empresas nacionais e internacionais é decorrente do atual processo de globalização. Ele faz crítica ao fato de esta simbiose privilegiar uma minoria em detrimento da maioria. É exatamente o quadro observado no Rio de Janeiro. A maioria das obras olímpicas, como a revitalização do Porto Maravilha ou a construção de hotéis em áreas de proteção ambiental, representam benefícios apenas para a minoria citada por Santos, no caso do Rio de Janeiro, o governo, empreiteiras e empresas privadas, que lucrarão sozinhos. Esse empreendimento, além de representar pouco ou nada para a maioria, a população carente da cidade, ainda, em alguns casos, acaba por remover essas famílias de suas casas. É quando a maioria se torna mero obstáculo para

² Megaeventos e Violações dos Direitos Humanos no Rio de Janeiro – Dossiê do Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro, 2013, p.19

os planos da minoria detentora ou do poder – a Prefeitura Municipal – ou do capital – as grandes empresas. Foi o que aconteceu com Ravel, como veremos mais para frente.

Vale ressaltar que a Prefeitura Municipal conta com um projeto habitacional do Governo Federal para atender à população removida: o *Minha Casa, Minha Vida*. Esse programa é anterior ao início das remoções originárias das obras para os Jogos Olímpicos, mas, a partir do momento que isso começou a acontecer, atendeu também a essas famílias. A questão é que, em sua grande maioria, os conjuntos habitacionais erguidos pelo *Minha Casa, Minha Vida* não estão localizados em áreas nobres ou nas regiões que passaram a receber investimentos públicos por conta desses grandes eventos, mas, sim, em áreas periféricas do Rio de Janeiro. O mapa a seguir comprova isso, uma atitude clara de “limpeza” da cidade promovida pelo governo.

Mapa. Localização dos empreendimentos Minha Casa, Minha Vida por forma de ocupação e tamanho



Fonte: Caixa Econômica Federal – Dez/2012.

Este processo incide diretamente sobre os preços dos imóveis do Rio. Entre 2010 e 2012, o preço de imóveis anunciados para venda na cidade aumentou 116,60%, crescimento maior do que o observado em São Paulo, principal polo econômico do Brasil, que foi de 82,30%. Apenas em 2012, o crescimento carioca foi de 15%. A tabela comparativa abaixo mostra o quão à valorização no Rio de Janeiro, tanto em relação à venda quanto no aluguel, foi superior à média nacional.

Tabela2. Valorização imobiliária segundo o índice Fipe Zap de preços de imóveis Anunciados, dezembro de 2012

Cidade/Local	Venda em 2012	Venda de 2010 a 2012	Aluguel em 2012	Aluguel de 2010 a 2012
Brasil	13,70%	n/d	n/d	n/d
Rio de Janeiro	15,00%	116,60%	11,40%	68,50%
Belo Horizonte	9,40%	53,60%	n/d	n/d
Brasília	4,00%	n/d	n/d	n/d
Fortaleza	11,10%	n/d	n/d	n/d
Recife	17,80%	n/d	n/d	n/d
Salvador	10,00%	n/d	n/d	n/d
São Paulo	15,80%	82,30%	10,00%	44,30%

n/d = não disponível | **Fonte:** Fipe/Zap - Jan/2013

Já a rede de transporte da cidade está sendo radicalmente alterada. A Rede Ciclo viária será expandida até 2016 para 450 km, o que deve custar R\$23,4 milhões. As duas linhas do metrô do Rio também estão sendo ampliadas, mas, a despeito da melhoria na locomoção dos torcedores durante os Jogos que a obra proporcionará, ela não estará vinculada ao evento de acordo com o portal.

O maior impacto está sendo observado na Rede Rodoviária. Destaque para as obras da TransOeste – sistema de ônibus BRT, de trânsito rápido, entre Santa Cruz e Barra da Tijuca, além de um túnel ligando Barra de Guaratiba ao Recreio dos Bandeirantes e transformações físicas e operacionais na Avenida das Américas –, TransOlimpica – outro corredor expresso para ônibus, com extensão de 23 km entre a Estação Deodoro e a Avenida das Américas, no Recreio,

do Veículo Leve sobre Trilhos (VLT) – uma espécie de bonde moderno, que abará 30 km na região portuária e do Centro – e da TransCarioca – corredor expresso de ônibus articulados ligando a Barra da Tijuca ao Aeroporto Internacional do Galeão. Nestes quatro projetos serão gastos um total de R\$ 5,61 bilhões.

As obras da TransCarioca, aliás, foram o responsável por todo o drama envolvendo o menino Ravel. A casa em que morava estava no traçado da via e ele acabou por deixar o local. A crítica de Milton Santos à interdependência de governos e empresas explica o abuso neste caso. A Prefeitura, os responsáveis por erguer a TransCarioca, e, talvez mais indiretamente, os dirigentes do COB e do COI, todos, sem exceção, lucrarão de alguma forma com a obra. E eles são a minoria que tem o poder e o capital nas mãos. A minoria – a família de Ravel e todas as outras – sofre o prejuízo. Empreiteiras e incorporadoras imobiliárias que venceram licitações para a realização das obras estão entre as principais doadoras das campanhas eleitorais dos governos atuais).

2.2. O drama de Ravel

Das características que se vê de Ravel Gonçalves, 19 anos, estudante e atleta das seleções de base do Vôlei de Praia da Seleção Brasileira, a de tímido é a primeira que chama a atenção. Fala baixo, olha para baixo, fala pouco. Mas se viu obrigado a falar. No primeiro contato que teve com a imprensa, Ravel pouco falou.

“Quem me contou a história foi mais o Rosinaldo, o pai. O Ravel mesmo não falou não. Eu fiquei sabendo por conta de um amigo em comum com o pai, e ele mesmo que foi me passando tudo. Primeiro eu conheci a família, depois voltei em um fim de semana em que o Ravel estivesse, mas mais para a foto. Tirei pouco do menino, até me surpreendi ao ver a matéria da televisão”.³

Foi o Ary Cunha, experiente jornalista de “O Globo” que deu a história de Ravel pela primeira vez na imprensa. No dia 05 de março de 2013, um Domingo, o jornal “O Globo”, na contracapa da sua parte de esportes, sob o título de “Da areia aos escombros, o legado de Ravel”, conta a história da reportagem que é objeto deste estudo. Curiosamente, foi a última reportagem

³ CUNHA, Ary. Jornalista autor da matéria de “O Globo”, em entrevista aos autores.

do jornalista antes de ser demitido do jornal em que trabalhava. Eis uma reflexão que vale ser feita, dada ao tema da matéria.

Pouco mais de uma semana depois, no dia 14 de Março de 2013, os canais ESPN de TV fechada exibiram, tanto no canal ESPN Brasil quanto no canal ESPN, a reportagem realizada e produzida pelos autores do presente trabalho, sobre o mesmo tema, para outra plataforma. A reportagem foi exibida no Sportscenter Almoço, às 12h30, na ESPN Brasil; Sportscenter Notícias, às 17h, na ESPN e Sportscenter Brasil, 23h, na ESPN Brasil, além de ter sido comentada nos programas Pontapé Inicial, 10h; Bate Bola 1, 13h e Bate Bola 2, 18h30. A maior repercussão, no entanto foi na internet, onde a matéria alcançou mais de 36 mil visualizações, se tornando uma das cinco reportagens mais vistas daquela semana no site.

Voltando a falar de Ary, e a posterior demissão, cabe questionar se a reportagem, ou o conteúdo da mesma, seria veiculado em outra TV que não a ESPN, e sua editoria de questionamento e jornalismo sem outros interesses. O fato posterior, de a reportagem chamar a atenção do público, pedindo para que o caso de Ravel fosse parar no “programa do Luciano Huck”, mostram que talvez houvesse conflito de interesses, já que a história é interessante.

Ravel Gonçalves é o irmão do meio de uma família composta por Rosinaldo, 50 anos, pintor de paredes, e o pai; Rosilene, 42 anos, dona de casa, a mãe; Juan, 20 anos, o irmão mais velho, autista, e o irmão caçula, estudante de seis anos. A família tem origem na Paraíba, mas se formou no Rio de Janeiro. O patriarca está no Rio há 30 anos, enquanto a matriarca há 20. Conheceram-se no Rio e formaram uma família que sempre viveu na Zona Oeste do Rio de Janeiro.

O nascimento do primeiro filho foi a primeira grande dificuldade que a família passou. Juan nasceu com deficiências mentais, mais tarde identificadas como autismo. Desde então, a vida da mãe é cuidar do filho que até hoje necessita de cuidados especiais e atenção durante todo tempo. O segundo filho, Ravel, nasceu sem problemas, e o nome foi dado em homenagem a um cantor Gospel da época. O caçula, nascido dois anos depois, não foi planejado, mas recebido com carinho pela família que, à época, já morava no Largo do Tanque, em Jacarepaguá, na Zona Oeste do Rio de Janeiro.

Rosinaldo adquiriu um pequeno terreno numa vila de classe baixa no Largo, espécie de passagem na Zona Oeste. Lá construiu uma casa simples, de três quartos pequenos, onde podia viver com a família. O terreno foi comprado de forma ilegal, mas Rosinaldo afirma veementemente que não sabia da ilegalidade da operação. A prática é comum nas áreas mais pobres do Rio de Janeiro

Posseiros são pessoas ou famílias que ocupam áreas de terras improdutivas ou devolutas, cuja posse, por direito, são do governo. Essas pessoas passam a trabalhar e/ou residir nesses locais, mas não possuem qualquer documento oficial para comprovar que são donos ou proprietários. No entanto, legalmente, os ocupantes têm os seus direitos assegurados por lei, já que são os responsáveis pelo trabalho que melhoraram aquele pedaço de terra. O termo mais comum usado para se referir a direito dos posseiros é usucapião.

Com a usucapião, a questão não é se o atual titular tem conhecimento de que um proprietário anterior era um invasor ou é um invasor, a questão é que o dono original da propriedade não conseguiu expulsar um invasor dentro de um período de tempo significativo. Com a finalidade de proporcionar a oportunidade para alguém perceber o valor dessa propriedade, a lei entra e passa o título para a pessoa que está tendo o maior uso da propriedade, no caso os posseiros, caracterizando a usucapião.

Para se conquistar o título por usucapião há de se respeitar requisitos propositalmente difíceis. São eles:

- 1) a posse efetiva e contínua da propriedade durante todo o período legal, que varia de acordo com a jurisdição (nos Estados Unidos tende a ser cerca de 20 anos);
- 2) o uso da propriedade aberto e notório colocando ao detentor do título a notificação da intenção do posseiro de reclamar o título da propriedade pela construção de uma casa, cercas, sinalização, etc.;
- 3) o uso exclusivo da propriedade pelo posseiro desde que não simultaneamente com o detentor do título da propriedade;

4) entrar na terra sem a permissão do detentor do título, também conhecido como invasão ou intenção hostil.

Quando respeitados os requisitos acima, o título passa ao possessor, que detém todos os direitos normais sobre a propriedade, como alugá-la, hipotecá-la ou até vendê-la. O caso da família de Ravel se enquadra nesse último exemplo. Eles compraram a propriedade do titular anterior, um possessor legítimo, que conquistou a terra conforme a lei da usucapião. Como o dono original não entrou com uma ação de despejo dentro de um tempo especificado, foi suposto ele ter concordado com a transferência da posse.

Ou seja, legalmente, Ravel e sua família tinham a posse do terreno e o direito de morar ali. A Prefeitura Municipal errou ao fazer o caminho inverso ao correto: traçou a TransCarioca passando por centenas de habitações e depois foi negociar com os moradores, quando, na verdade, deveria antes ter negociado a remoção pacífica das famílias afetadas pelas obras e então começá-las. O governo ignorou o direito à moradia, e o fato de que, nestes casos, a população merece ser informada corretamente da situação.

O começo das obras olímpicas citados no capítulo 2 fez com que a vila do Largo do Tanque ficasse marcada para o fim. Literalmente. No começo de 2013, agentes da prefeitura do Rio de Janeiro marcaram com um sinal todas as casas condenadas à destruição no local. O motivo seria que por ali passaria a Transcarioca, uma das obras para a melhoria da mobilidade urbana visando os Jogos Olímpicos de 2016. Iniciaram-se as negociações para a retirada de moradores e pagamento de indenizações. Pouco a pouco, os moradores foram abandonando seus lares. A única resistência foi a família Gonçalves, a família de Ravel.

Como a casa era muito simples, e Rosinaldo não poderia negociar muito pela ilegalidade de sua posse, a quantia oferecida, R\$30 mil reais, era pouca e não agradava a família. Em nenhum momento, o fato de um membro da casa necessitar de cuidados especiais pesou na negociação. Cabe a ressalva que o tratamento de Juan era ao lado do Largo, assim como a escola do caçula, o que facilitava a vida da mãe.

A resistência se transformou em estresse e poeira. Com o tempo, e todas as casas vendidas, a prefeitura iniciou as obras de demolição no local, ainda com a família Gonçalves por lá. As cenas mostradas na reportagem são claras: a família chegou a viver nos escombros. O caçula se assustava com o barulho das máquinas e o irmão especial de Ravel tinha ainda mais dificuldades.

A negociação durou alguns meses e chegou a um ponto insuportável. Segundo palavras de Rosinaldo, como a reportagem mostra, todos da família foram envolvidos pelo drama de se viver naquele local e pela pressão psicológica dos agentes da prefeitura. A mãe, Rosilene, ficou muito nervosa com as ameaças de que derrubariam a casa de qualquer maneira, chegando a ter algumas crises nervosas. O irmão mais velho, Juan, teve alguns sintomas de sua doença agravados pelo barulho, poeira e situação nada salutar. O filho caçula sofria, sem entender, o porquê de tanto barulho e por vezes entrava em pânico com a possibilidade de a casa ser derrubada.

Ravel, por outro lado, sofreu ao ver a foto da mãe chorando na reportagem já citada de “O Globo”. O atleta treinava em Saquarema na época e teve o treinamento influenciado pelo drama da moradia de sua família. Como se não bastasse, a distância e a escolha da família fizeram com que ele só soubesse do drama pela imprensa. Voltou em um fim de semana à casa e ficou estarecido com o que viu. Foi na semana seguinte que nossa reportagem visitou a família em casa, e Ravel, já de volta ao centro de treinamento da Confederação Brasileira de Vôlei, em Saquarema.

No Rio, Rosinaldo cedeu às pressões e assinou aceitando a oferta de R\$30 mil reais da prefeitura pela casa. Teve sete dias para deixar o imóvel. Declarou desrespeito dos profissionais da obra e dos agentes do município que celebraram sua desgraça. No Sábado, três dias após a entrevista, voltamos ao local no momento em que a família saía da casa e filmamos aquilo que acreditamos serem as cenas mais fortes da reportagem, a família vendo o próprio lar sendo destruído.

Procurada pelos repórteres, a prefeitura demorou um dia para soltar uma nota oficial sobre o caso:

“Todos os moradores daquela área estavam cientes que o terreno estava no traçado da Transcarioca. A Prefeitura, através da Subprefeitura da Barra e Jacarepaguá, realizou várias

reuniões com os moradores para explicar como seria feita a desapropriação. Essas reuniões continuam sendo feitas com outras famílias em outras áreas. Esse trabalho é feito à medida que a obra avança. Numa segunda etapa, a Secretaria Municipal de Habitação, acompanhada de assessores da subprefeitura realizou o cadastro de todas as famílias.

Foram oferecidas duas opções: indenização pelas benfeitorias (uma vez que a área é pública e os moradores não são os proprietários dos imóveis) ou uma unidade no programa Minha Casa, Minha Vida ou Morar Carioca, em duas regiões Campo Grande e Triagem.

Especificamente no caso dessa família, porque um dos integrantes é doente e faz tratamento na Colônia Juliano Moreira, a Prefeitura ofereceu acompanhamento com assistente social e uma casa no Programa Morar Carioca da Colônia.

O responsável por essa família, no caso o pai, quis negociar apenas o valor do imóvel. A Prefeitura tentou todas as possibilidades para pagar o melhor preço, permitido através dos decretos que regulamentam essa questão de desapropriações em áreas públicas.”

3. LEITURAS TEÓRICAS

O Largo do Tanque era uma comunidade de Jacarepaguá, na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, onde Ravel Mendonça, seus pais, dois irmãos e outras 65 famílias viviam. Apesar da resistência de parte desses moradores, a Prefeitura Municipal conseguiu que todos deixassem o local mediante o pagamento de indenizações ou oferecendo uma nova casa através de programas como “Morar Carioca” e “Minha Casa, Minha Vida”. Vale registrar que muitas famílias reclamaram dos valores das indenizações recebidas, alegando que o valor oferecido por seus imóveis era baixo e não daria para comprar outro similar.

Para começar a compreender o que aconteceu nesta região é preciso voltar para 2012, ano eleitoral. E justamente por se tratar de um ano eleitoral, a questão das remoções compulsórias foi deixada parcial e temporariamente de lado. Assim, a reeleição de Eduardo Paes à Prefeitura transcorreu sem maiores polêmicas e foi confirmada pelos eleitores cariocas nas urnas. Tão logo o resultado saiu, a calmaria acabou.

A ação no Tanque começou uma semana antes do Carnaval de 2013, quando as casas que seriam demolidas começaram a ser marcadas por técnicos da prefeitura. Essa atitude, que se repetiu em outras comunidades, gerou severas críticas. No programa “Juca Entrevista”, da ESPN Brasil, Eduardo Paes assumiu o erro dizendo que “os técnicos da prefeitura foram lá e marcaram as casas, parece nazista marcando judeu com a Estrela de Davi. (...) Isso não é tortura física, é tortura psicológica. Porque você deixa o sujeito três anos com a casa marcada, sem saber se vai ficar ou se não vai ficar”.

Apenas três semanas depois, no dia 22 de fevereiro, as famílias resistentes não chegavam a uma dezena. A remoção foi concluída. A região do Largo do Tanque estava no caminho do traçado da TransCarioca.

Uma das muitas obras que tomaram a cidade desde que ela foi eleita, em outubro de 2009, sede dos Jogos Olímpicos de 2016, a TransCarioca é um sistema de transporte público que

ligará a Barra da Tijuca ao Aeroporto Internacional Tom Jobim, situado na Ilha do Governador. As obras começaram em março de 2011 e têm previsão para serem concluídas em fevereiro de 2014. Um mês depois, os primeiros trechos deverão ser liberados para uso. Ela interligará 13 bairros e terá integração com trem e metrô.

A TransCarioca e todas as obras que visam à preparação urbanística do Rio de Janeiro para receber as Olimpíadas – e também a Copa do Mundo, em 2014 – criaram uma pressão política e econômica na cidade. Nos últimos anos, o Rio observou uma inflação imobiliária acima da média nacional e o encarecimento dos serviços que não foi acompanhado pela melhoria dos mesmos. Aliou-se isso a megaobras, choques de ordem, remoções e segregação social e étnica – pobres e índios expulsos de suas casas – para o gradativo crescimento de uma insatisfação geral da população. Essa insatisfação eclodiu em forma de manifestações a partir do mês de junho, cujo ápice foi no dia 20, quando aproximadamente 1,4 milhão de brasileiros saíram às ruas em 120 diferentes cidades pelo País. Entre os alvos desses protestos estava o gasto de dinheiro público nos grandes eventos esportivos.

Em resposta, Governo do Estado e a Prefeitura Municipal usaram da truculência e força policial contra o povo. Paralelamente, seguiam fazendo propaganda política das Olimpíadas para terem suas vontades atendidas. Ao se posicionar contra a redistribuição dos royalties do petróleo, na qual o Rio de Janeiro acabaria sendo prejudicado financeiramente, o governador Sérgio Cabral declarou que sem esse dinheiro não poderia garantir a realização dos Jogos e também do Mundial de seleções.

Para explicar dramas urbanos contemporâneos como o vivido pela família de Ravel, recorremos a diversos textos do geógrafo brasileiro Milton Santos. Em suas obras, Santos abordou e discutiu densamente a questão do espaço geográfico e sua ocupação, bem como a influência da globalização e, por consequência, dos adventos tecnológicos nesse processo. Sobre isso, Santos, em seu livro “A Natureza do Espaço”, definiu:

As características da sociedade e do espaço geográfico, em um dado momento de sua evolução, estão em relação com um determinado estado das técnicas. Desse modo, o conhecimento dos sistemas técnicos sucessivos é essencial para

o entendimento das diversas formas históricas de estruturação, funcionamento e articulação dos territórios, desde os albores da história até a época atual. Cada período é portador de um sentido, partilhado pelo espaço e pela sociedade, representativo da forma como a história realiza as promessas da técnica. (SANTOS. 2002; p.111)

Para referenciar o trabalho, tanto escrito quanto prático, a principal definição usada, também retirada da obra do geógrafo brasileiro, afirma que o espaço geográfico é “considerado como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações” (SANTOS. 2002; p.225).

Santos olha para o espaço geográfico como uma soma do que ele é por natureza, do que ele pode ser transformar ou no que foi transformado por conta das revoluções técnico-científicas e da função desse espaço, alterado ou não, para sua população. Caracteriza-o como uma dualidade.

Os eventos, as ações não se geografam indiferentemente. Há, em cada momento, uma relação entre valor da ação e o valor do lugar onde ela se realiza; sem isso, todos os lugares teriam o mesmo valor de uso e o mesmo valor de troca, valores que não seriam afetados pelo movimento da história. O espaço geográfico deve ser considerado como algo que participa igualmente da condição do social e do físico, um misto, um híbrido. (SANTOS. 2002; p.56)

Tentando ambientar essa ideia para a temática do trabalho, a situação de Ravel, percebemos que a região que a família do garoto habitava, enquanto não tinha maior importância para o Estado, era deixada de lado. No entanto, a partir do momento em que uma via expressa precisou ser erguida ali, o valor de uso desse espaço geográfico específico e o próprio espaço em si são totalmente alterados.

Santos tem uma ideia de paisagem na qual correlaciona objetos naturais com objetos fabricados pelo homem. Afirma que a real questão da discussão é “saber, de um lado, em que medida a noção de espaço pode contribuir à interpretação do fenômeno técnico, e, de outro lado, verificar, sistematicamente, o papel do fenômeno técnico na produção e nas transformações do espaço geográfico” (SANTOS. 2002; p.27). A alteração e transformação do espaço refletem as necessidades do homem no período dessa alteração, o que torna possível, através da percepção do espaço, o entendimento do fenômeno técnico.

Em outra passagem, explica mais claramente o papel da tecnologia na construção do espaço urbano. Trata-se da busca pela perfeição, já que os objetos criados tecnicamente são mais funcionais do que os naturais.

Os objetos que constituem o espaço geográfico atual são intencionalmente concebidos para o exercício de certas finalidades, intencionalmente fabricados e intencionalmente localizados. A ordem espacial assim resultante é, também, intencional. Frutos da ciência e da tecnologia, esses objetos técnicos buscam a exatidão funcional, aspirando, desse modo, a uma perfeição maior que a da própria natureza. É desse modo que eles são mais eficazes que os objetos naturais e constituem as bases materiais para as ações mais representativas do período. (SANTOS. 2002; p.226)

No mundo pós-moderno, surgido sobre os pilares da globalização técnico-científica, a busca pela produtividade econômica e política tornou-se incessante. Os espaços sobre os quais essa produtividade se incide passam a evoluir de forma desigual. Isso, pois há uma diferença geográfica em relação às tecnologias disponíveis para a alteração desse meio. Mas podemos pensar também em outro motivo para essa perda da homogeneidade dos espaços: o valor social, já citado aqui. Da mesma forma que os espaços são alterados de acordo com o maquinário disponível, eles também podem ser modificados conforme o interesse político-econômico que esta alteração aconteça.

As ideias de Santos aqui expostas se encaixam perfeitamente no caso estudado. A casa de Ravel foi derrubada para atender uma exigência olímpica que visa facilitar o deslocamento na cidade do Rio de Janeiro. Embora o transporte rodoviário seja uma necessidade do homem moderno independente de viver ou não em uma cidade olímpica, no caso do Rio, a obra está ligada diretamente aos Jogos Olímpicos. Um exemplo que comprova a modificação do espaço conforme a demanda, segundo Milton Santos. No caso, a demanda é o próprio evento ou a chance de sediá-lo.

Além disso, a obra ali feita só é possível pela evolução tecnológica. Os adventos técnicos da globalização levaram ao aprimoramento dos objetos que compõem o espaço. Logo, a organização do Rio de Janeiro, por exemplo, para receber as Olimpíadas, não se dará aleatoriamente, mas propositalmente pensada, buscando dispor estes objetos de forma que

proporcione o resultado mais satisfatório de acordo com as exigências para receber um evento de tamanho impacto social, político e econômico.

Ainda dentro da obra de Milton Santos, destacamos a obra “Pobreza Urbana”, de 1978. Nela, ele define a crise urbana pelo qual a sociedade passa como um epifenômeno, ou seja, é um problema que deriva de outro problema original. Por mais que essa ideia tenha sido defendida há mais de 30 anos, segue atual. Neste caso, a questão original é a crise global. Para Santos, as bases civilizatórias de todo país têm muito em comum umas com as outras, derivadas de um modelo hegemônico “superior”, mundial. Assim, segundo ele, todo e cada problema urbano atual são derivados de uma crise maior, que foge do âmbito regional ou nacional, pois “as condições nas quais os países que comandam a economia mundial exercem sua ação sobre os países de periferia criam uma forma de organização da economia, da sociedade e do espaço, uma transferência de civilização, cujas bases principais não dependem do país atingido” (SANTOS. 1978; p.31).

Ainda dentro da discussão sobre a crise urbana, nos fundamentamos também nas ideias de Guy Standing. O professor e economista britânico apresenta em sua obra “O Precariado: a nova classe perigosa” as características desse novo grupo, surgido a partir do crescimento da competitividade do mercado por volta da década de 1970. Aqueles dentro do precariado carecem de autoestima e dignidade social.

O fenômeno descrito teve duas consequências diretas. A primeira, e mais óbvia, é que com a competitividade a desigualdade econômica e social entre as diversas classes aumentou. E a segunda é, segundo Standing, uma maior massa de pessoas alienadas, anômicas, ansiosas e propensas à raiva.

Duas definições de Standing na primeira página de um capítulo com um nome particularmente significativo e sugestivo – “Uma política de inferno” – chamam a atenção. Ao falar do Estado de direito do neoliberalismo, ele afirma se tratar de um organismo “intrusivo e tem a intenção” de refrear o inconformismo e a ação coletiva (STANDING. 2011; 201), ideia

conclusiva sobre a questão da competitividade na sociedade promovida pelo Estado, que não se preocupa com o bem estar da população, apenas com o crescimento econômico por meio desta disputa.

A segunda e mais chocante e sobre como, segundo ele, a minoria detentora do poder na sociedade moderna olha para os pobres:

As políticas e instituições são construídas para tratar a todos como potenciais desajustados e vilões. Por exemplo, para ter direito aos benefícios estatais, os “pobres” têm de provar que não são “preguiçosos” ou que estão enviando seus filhos para a escola regularmente. (STANDING. 2011; 201)

Standing remonta uma Sociedade do Controle, que teve sua faísca produzida da ideia do filósofo e jurista inglês Jeremy Bentham. No fim do século XVIII, ele formulou a ideia do panóptico. A partir da observação do sistema penitenciário da época, bolou uma construção circular – a princípio a ser aplicada em prisões, mas que, futuramente, poderia ser usado em escolas e no trabalho –, cujo centro estaria um observador oculto. A ideia de Bentham apostava que os observados, sem saber se o observador estaria olhando para eles ou não, sempre seria, por precaução, produtivo.

Se refletirmos, podemos trazer essa situação para a atualidade. Apesar de não apresentar exatamente as condições do panóptico de Bentham, no Rio de Janeiro, o Governo faz valer o poder que tem nas mãos. O resultado disso é segregação. Ravel e sua família tinham todos os documentos que provavam a posse do imóvel no Largo do Tanque. A usucapião daquela propriedade estava comprovada e é defendido por lei. Ainda assim, a Prefeitura Municipal os expulsaram.

Por fim, Muniz Sodré foi uma inspiração. Em “As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política”, faz um diálogo entre esses três âmbitos, com interlocutores da magnitude de, por exemplo, Baudrillard e Deleuze e como pano de fundo o avanço tecnológico, já citado neste trabalho como uma das causas para a alteração de espaços geográficos. Mas no capítulo final, Sodré teoriza sobre a alegria. E diz que ela está diretamente ligada à ética. É caracterizada como o oposto de afeto.

Afeto é usado pelos meios de massa como uma ferramenta de interatividade, de aproximação, quase um marketing. Sodré dá o exemplo da eleição do ex-presidente da República

Luiz Inácio Lula da Silva. Lula percebeu uma atmosfera afetiva propícia ao Partido dos Trabalhadores (PT) e fez dela seu principal cabo eleitoral.

Alegria não. A experiência da alegria “prescinde de qualquer racionalização, exige tão-só a capacidade de sentir” (SODRÉ. 2006; 205).

4. O DOCUMENTÁRIO REPORTAGEM – RELATÓRIO TÉCNICO

4.1 – PRÉ-PRODUÇÃO

A ideia da produção da matéria, de correr atrás da família e tentar mostrar para a TV partiu do editor executivo da ESPN no Rio de Janeiro, Eduardo Tironi. Ele escalou os dois autores deste trabalho, na época estagiários da empresa, para produzir e fazer a reportagem. A ideia surgiu baseada em reportagem publicada no domingo anterior na contracapa da página de esportes do jornal “O Globo”, sobre o mesmo assunto. Ficou definido que iríamos atrás da reportagem, sem data definida para ser exibida.

Decidimos inicialmente que focaríamos em duas gravações. Uma mostrando a situação da família e entrevistando-os no Largo do Tanque, em Jacarepaguá. Outra, gravando com Ravel em um dos treinos da Seleção Brasileira sub-19 de Vôlei de Praia em Saquarema. No fim, tivemos mais uma gravação para a matéria. Em um Sábado, voltando de outra pauta do factual, um treinamento de futebol do Flamengo, no caminho, resolvemos passar pelo Largo do Tanque para saber como estava a situação. Foi o momento que conseguimos flagrar os moradores saindo da casa e a mesma sendo destruída.

Para a revisita aos personagens, a decisão foi por reencontrar a família toda, o que não foi possível.

4.2 - PRODUÇÃO

O primeiro contato feito foi com a CBV (Confederação Brasileira de Vôlei), que através de sua assessoria de imprensa, nos informou que Ravel estava treinando junto com a Seleção Brasileira sub-19 de vôlei de praia em Saquarema, região dos Lagos do estado do Rio de Janeiro. Haveria uma janela para imprensa na próxima semana e poderíamos falar exclusivamente com Ravel. Enquanto a data não chegava, tentamos contato com a família, em vão.

Ao mesmo tempo, pesquisamos sobre todo o processo de remoções de casas e famílias no Rio, somado a todo o processo de obras para a realização dos Jogos Olímpicos de 2016.

Tentamos também contato com a prefeitura e órgãos responsáveis para que, antes da reportagem, tivéssemos um esclarecimento sobre as remoções no local.

No reencontro com a família, a produção foi facilitada pelos contatos já feitos de outrora. Por outro lado, as dificuldades do local em que a família se instalou e os horários de trabalho de cada um, somadas às nossas dificuldades de não contarmos mais com o apoio técnico da emissora, fizeram com que só conseguíssemos gravar com Ravel e sua mãe. Faltou o pai e faltou cenas da nova casa dos Mendonça, o que nos daria uma noção maior do drama. Tal fato, no entanto foi resolvido na edição, já que, nos cinco minutos finais do produto, decidimos por intercalar as sonoras, dando força ao material gravado e mais voz aos personagens do que na matéria, que ocupa boa parte do tempo do projeto.

4.3 – GRAVAÇÃO

Já que não conseguimos contatar os familiares, antes de encontrarmos com Ravel, decidimos passar no Largo do Tanque para fazer algumas imagens e, quem sabe, encontrar a família. Assim que apontamos com o carro de reportagem, sem saber que eram eles justamente a pauta, Rosilene, a mãe do Ravel veio ao nosso encontro com a reportagem de “O Globo” em mãos. Passamos a conversar.

Fizemos imagens das obras, do entorno e de dentro da casa da família. Rosilene nos apresentou os outros dois filhos e ligou para o marido que estava trabalhando. Ele fez questão de “fazer um esforço e pegar um táxi aqui que eu chego bem rápido para dar entrevista para vocês. Eu não tenho condição, mas é importante”⁴.

Gravamos, na sequência, 16 minutos de entrevista com Rosilene no meio dos escombros do Largo do Tanque usando um microfone direcional da empresa. Incrível pensar nisso, mas na hora, não parecia que a matéria viraria um especial, e que o melhor seria usar um microfone de lapela, como fizemos com Ravel e nas revisitas à casa. Depois gravamos 19 minutos de entrevista com Rosinaldo, o pai, também com microfone direcional tendo a porta de casa como fundo.

⁴ Rosinaldo Mendonça, pai de Ravel.

No dia, agentes da prefeitura estavam no local, tentamos, em vão, um contato para gravar entrevistas, assim como com outros moradores do local que já tinham aceitado a oferta. Na semana seguinte viajamos até Saquarema, filmamos um treinamento de Ravel e depois conversamos com ele dentro da quadra, por 25 minutos, sentados, com microfone de lapela, em entrevista onde o material bruto é emocionante.

No dia da saída da família da casa voltamos ao local. Respeitando o momento, entendemos que o melhor era não fazer entrevistas. As imagens desta parte são fundamentais para se dar o tom necessário na matéria.

A gravação do reencontro foi simples. Marcamos no Largo do Tanque e gravamos duas entrevistas, em cenários diferentes, com Ravel primeiro, e depois com Rosilene. Um não viu a gravação do outro, o que, na nossa opinião, ajudou para depoimentos mais sinceros, principalmente da mãe.

4.4 – EDIÇÃO

Ao todo, 2 horas e 12 minutos de material foram gravados e, entre sonoras, imagens, clipes, resumiu-se tudo, em edição realizada no programa Final Cut, em um VT de 6:27, grande para os padrões da ESPN, mas que foi ao ar duas vezes em Março deste ano.

Depois, juntamos com o material que gravamos depois. Para separá-los, fizemos telas que demonstraram a repercussão da matéria e introduzia para nossa volta, sete meses depois.

4.5 – O RETORNO – DETALHES DA PRODUÇÃO, GRAVAÇÃO E EDIÇÃO.

Quando surge a ideia de que poderíamos transformar aquela reportagem de outrora em trabalho final de monografia para a universidade, pensamos logo na possibilidade de, sete meses depois, refazer as entrevistas para entender o que tinha se passado durante todo esse tempo da reportagem. Assim, como contado no capítulo 2, produzimos novamente uma entrevista com a família, mas só conseguimos encontrar com Ravel e a mãe, Rosilene. Gravamos novas entrevistas. Com Ravel, 18 minutos de duração, com sua mãe, apenas seis minutos e meio. Resolvemos, na edição, dar outro tom a este segundo material. Optamos para, no produto final,

inserir toda a reportagem original, seguida por telas explicativas sobre o que aconteceu pós-reportagem e depois uma entrevista seca, alternando, sem quase nenhum extra, falas de Ravel e Rosilene. cremos que assim, demos um tom de mudança necessário. Mostramos que o trabalho, na verdade, é uma revisitação de uma reportagem já feita.

5. ROTEIRO DA REPORTAGEM

Abaixo, o roteiro de produção da reportagem-documentário.

Clipe: imagens envelhecidas da casa de Ravel sendo destruída e dos personagens da matéria

Sobe som: Música - Bolero de Ravel

OFF 1 - MAIS TOCANTE DO QUE O BOLERO DE RAVEL, MÚSICA QUE VOCÊ ESCUTA, É A HISTÓRIA DE RAVEL, JOGADOR DE VÔLEI DE PRAIA QUE VOCÊ VÊ./ POEIRA E AREIA SE MISTURAM AO DRAMA./ EM SAQUAREMA, RAVEL TREINA DESDE JANEIRO COM A SELEÇÃO BRASILEIRA SUB DEZENOVE DE VÔLEI DE PRAIA,/ ESTÁ PERTO DE DISPUTAR O MUNDIAL DA CATEGORIA E É ESPERANÇA PARA OS JOGOS OLÍMPICOS DE DOIS MIL E DEZESSEIS. OS OUTROS PERSONAGENS SÃO SUA CASA E SUA FAMÍLIA, NO LARGO DO TANQUE, REGIÃO OESTE DO RIO DE JANEIRO.

Sonora Ravel - MEU IRMÃO ESPECIAL, ELE TINHA QUE TER UM TRATAMENTO... MINHA MÃE TINHA QUE ESTAR POR PERTO. ELA PAROU DE TRABALHAR E FICOU COMO DONA DE CASA. MEU PAI É O ÚNICO QUE TRABALHA NA CASA. ELE É PINTOR DE PAREDES HÁ 21 ANOS. E ELE É AUTÔNOMO. EU TENHO UM IRMÃO TAMBÉM DE SEIS ANOS QUE É O IRMÃO MAIS NOVO NÉ?! E EU TENHO UM IRMÃO ESPECIAL, DE 18.

OFF 2 - CONCENTRADO DESDE JANEIRO COM A SELEÇÃO, AS NOTÍCIAS QUE VIERAM VIA TELEFONE E IMPRENSA NÃO FORAM NADA BOAS

Sonora Ravel – MEU PAI ME LIGOU E EXPLICOU PRA EU NÃO FICAR... SE EU TIVESSE VISTO ALGUMA COISA ASSIM NO JORNAL OU NA INTERNET, PRA NÃO FICAR ABALADO. AÍ TEVE UM DIA QUE EU ESTAVA NO RESTAURANTE, ALI NO ALMOÇO, AÍ SÓ POR ELE TER FALADO ISSO EU FUI VER O JORNAL. E TINHA UMA FOTO DA MINHA MÃE CHORANDO E MEU IRMÃO AO LADO. OS DOIS ESTAVAM MUITO TRISTES.

OFF 3 - ROSINALDO, PAI DE RAVEL, REALIZOU O SONHO DA CASA PRÓPRIA COMPRANDO UM TERRENO ILEGAL NA COMUNIDADE SETE ANOS ATRÁS.//

QUANDO O RIO REALIZOU O SONHO DE SER SEDE DA OLIMPÍADA, O DA FAMÍLIA MENDONÇA, / COMEÇOU A DESMORONAR. ROSINALDO AFIRMA QUE NÃO SABIA DA ILEGALIDADE DA TRANSAÇÃO.

Sonora Rosinaldo – FALARAM “OLHA, ISSO AQUI É DA PREFEITURA. VOCÊ NÃO PODE PERMANECER AQUI E ACABOU. ISSO AQUI NÃO É NADA DE VOCÊS. TEM QUE SAIR E ACABOU”. SÓ NÃO FEZ, NA REALIDADE, CHAMAR A GENTE DE LADRÕES

Sonora Rosilene – ELES VIERAM E JÁ COMEÇARAM A DERRUBAR TUDO. FAZENDO PRESSÃO PRA GENTE SAIR, PRA GENTE ARRUMAR AS COISAS PORQUE TINHA QUE SAIR MUITO RÁPIDO.

OFF 4 - A PREFEITURA DESAPROPRIOU TODOS OS MORADORES DO LOCAL PARA A CONSTRUÇÃO DA TRANSCARIOCA, OBRA MOTIVADA PELA REALIZAÇÃO DOS JOGOS DAQUI A TRÊS ANOS.

Sonora Ravel – QUANDO EU SAÍ DE LÁ, TAVA TODO MUNDO MUITO BEM, TODO MUNDO MUITO FELIZ COM A MINHA CONVOCAÇÃO. SÓ QUE AÍ QUANDO EU VOLTEI ERA TUDO DIFERENTE. EU NÃO RECONHECI NADA, EU NÃO SABIA ONDE EU ESTAVA. A MINHA CASA MEUS PAIS JÁ TAVA TUDO LARGADO, TUDO PRONTO PARA ELES SAÍREM, NÉ?! AÍ QUANDO EU CHEGUEI LÁ EU FIQUEI O DIA TODO CALADO, SÓ VENDENDO AS COISAS E NÃO TAVA ACREDITANDO.

OFF 5 - A VIZINHANÇA SAIU POR INDENIZAÇÕES IRRISÓRIAS. FORAM PARA A CASA DE PARENTES OU AMIGOS. ROSINALDO RESITIU, NEGOCIOU, BRADOU POR DIGNIDADE E RESPEITO. MORANDO COM UM FILHO PEQUENO E OUTRO PORTADOR DE NECESSIDADES ESPECIAIS, ENFRENTOU MAIS DE UM MÊS VIVENDO NOS ESCOMBROS. FOI DERROTADO.

Sonora Rosinaldo – A PRESSÃO CADA DIA FOI AUMENTANDO, ESSA É A GRANDE REALIDADE. TANTO QUE SEXTA-FEIRA PASSADA, A MINHA ESPOSA NÃO AGUENTAVA MAIS. EU ME PREOCUPEI DE A MINHA MULHER TALVEZ CHEGAR A TER ALGUM “TRECO” AÍ, DAR UM INFARTE E EU FICAR COM TRÊS FILHOS E SEM A MULHER. A POEIRA TAVA ACABANDO DEMAIS COM A RESPIRAÇÃO DO NOSSO

FILHO. O BARULHO DA MÁQUINA INCOMODA DEMAIS, ELES NÃO ESTAVAM MAIS DORMINDO

Sonora Ravel – COMO EU TENHO UM IRMÃO ESPECIAL, ELE NECESSITA TER UM QUARTO ASSIM MAIS PRA ELE, ONDE ELE POSSA TER O ESPAÇO DELE, NÉ?! E COM ESSE DINHEIRO QUE ELES ESTÃO DANDO NÃO DÁ NEM PRA SAÍDA.

Sonora Rosilene – QUARENTA MIL REAIS NÃO DÁ PARA A GENTE FAZER ABSOLUTAMENTE NADA. E FOI O QUE ELES OFERECERAM.

OFF 6 - O DEBOCHE DE FUNCIONÁRIOS DAS OBRAS E OS RELATOS DE DESRESPEITO POR PARTE DO ASSESSOR DA PREFEITURA, IGOR GUERRATO, RESPONSÁVEL PELA NEGOCIAÇÃO, SÃO FREQUENTES.

Sonora Rosilene – NA VERDADE, A GENTE CHEGOU ATÉ A OUVIR DO PRÓPRIO ASSESSOR QUE MEU MARIDO ESTARIA USANDO MEU FILHO E NÃO É VERDADE. É MENTIRA. A GENTE NÃO USA NOSSO FILHO PARA NADA, NÃO, SABE. NÃO USA. QUEM FIZER UMA COISA DESSA VAI ESTAR SENDO PIOR DO QUE UM MONSTRO.

Sonora Rosinaldo – ELE FOI MUITO, MUITO GROSSO. MAS MUITO MESMO. E FALOU “OLHA, AGORA É PEGAR OU LARGAR. NÃO TEM COMO. VOU BOTAR OS PERTENCES DE VOCÊS NA RUA. VOU BOTAR VOCÊS TAMBÉM NA RUA. E A MÁQUINA VEM E DEMOLE. A PREFEITURA NÃO ESTÁ NADA PREOCUPADA SE VOCÊS VÃO OU NÃO VÃO SAIR DAQUI”. QUANDO MINHA MULHER ASSINOU... QUE ELES VIERAM COM O PAPEL QUE ELA ASSINOU, EM SEGUIDA PARECIA QUE ELES ESTAVAM COMENDO PIZZA. SAÍRAM RINDO, ABRAÇADOS.

OFF 7 – A REPORTAGEM TENTOU OUVIR O ASSESSOR DA PREFEITURA, MAS ELE PREFERIU NÃO SE MANIFESTAR.

Sonora Rosilene – SE O PREFEITO EDUARDO PAES OU SEUS SUBPREFEITOS, NÃO SEI, QUISEREM COLOCAR ALGUÉM PRA TRABALHAR, ELE POR FAVOR QUE ENVIE ALGUÉM QUE TENHA CORAÇÃO, QUE SAIBA LIDAR COM AS PESSOAS POBRES, TÁ?

OFF 8 - RAVEL, UM PARADOXO OLÍMPICO BRASILEIRO.

Sonora Ravel – FICO MUITO FRUSTRADO, NÃO SEI O QUE FALAR, NÃO SEI O QUE FAZER. POR UM LADO EU PENSO, EU TENTO TREINAR AQUI FOCANDO NAS OLIMPIADAS, NO MUNDIAL DESSE ANO. E POR OUTRO EU TÔ VENDO QUE A PRÓPRIA OLIMPIADA TÁ DIFICULTANDO A MINHA VIDA, A MINHA FAMÍLIA.

OFF 9 - NO SÁBADO, ENCERROU O PRAZO PARA A FAMÍLIA DO ATLETA DEIXAR A CASA. ASSIM QUE FIZERAM, AINDA VIRAM DE PERTO O INÍCIO DA DEMOLIÇÃO DO VELHO LAR. VÃO MORAR PROVISORIAMENTE NA CASA DE PARENTES, EM RIO DAS PEDRAS. UMA HORA DE DISTÂNCIA DA ESCOLA DO CAÇULA E DO TRATAMENTO DE JUAN. RAVEL AINDA NÃO CONHECE A NOVA MORADIA.

Sonora Ravel – SE ELES SE AJEITAREM, EU POSSO AJEITAR A CABEÇA AQUI.

Sonora Rosinaldo – EU NÃO TENHO UM PODER AQUISITIVO LEGAL, EU TÔ NA NUMA COMUNIDADE. MAS SE EU TIVESSE, EU NÃO ESTARIA SENDO VISTO COMO ESTOU SENDO VISTO.

Sonora Ravel – DIZER A QUEM POSSA AJUDAR... AJUDAR MINHA FAMÍLIA. QUEM PUDE, SERIA DE GRANDE AJUDA.

Sonora Rosinaldo – O IMPORTANTE DA VIDA NÃO É SER GENTE IMPORTANTE, O IMPORTANTE MESMO É SER GENTE.

TELAS

1- (Tela preta com informação em fonte branca).

A reportagem foi veiculada no dia 14 de março de 2013 em três telejornais da ESPN e teve boa repercussão.

2- (Tela preta com informação em fonte branca).

Na internet, mais de 30 mil visualizações da matéria

3- Tweet do Freixo (figura + texto)

Marcelo Freixo tuitou, gerando grande divulgação entre os movimentos sociais.

4-(figura dos tweets do Huck + textos)

Muitos pediram para que o caso do atleta fosse para o quadro "Lar doce lar", do "Caldeirão do Huck", na Rede Globo.

5- Texto.

Sete meses depois voltamos a reencontrar Ravel e ver se algo tinha mudado. A família se mudou para um comunidade perto do Largo do Tanque. Não pudemos fazer a entrevista na casa pois era uma área de risco, dominada por traficantes.

6- Texto

Voltamos ao Largo do Tanque.

Sonora Ravel – PESSOAL PERGUNTAVA PRA GENTE PRA QUAL LUGAR A GENTE IA, ESSAS COISAS ASSIM. AÍ A GENTE NÃO TINHA CERTEZA DE NADA. AÍ O VALOR QUE MEU PAI RECEBEU ESTAVA BAIXO. ATÉ PRA COMPRAR EM UM LOCAL DE BAIXA RENDA TAVA DIFÍCIL. AÍ MEU PAI COMPROU NUM LOCAL MAIS PRA GENTE NÃO FICAR NA RUA.

Sonora Rosilene – A GENTE SOFREU MUITO. E AÍ COM A INDENIZAÇÃO QUE A GENTE RECEBEU TAMBÉM A GENTE CONTINUA NA COMUNIDADE, AGORA NUMA ÁREA DE RISCO. INCLUSIVE NEM O NOSSO TELEFONE RESIDENCIAL FORAM INSTALAR POR CONTA DE SER UMA ÁREA QUE ELES CONSIDERAM DE RISCO. E TÁ A GENTE LÁ. FOI O ÚNICO LUGAR QUE A GENTE ENCONTROU MAIS EM CONTA QUE DEU PRA GENTE COMPRAR.

Sonora Ravel – ERA UM LUGAR TRANQUILO, MAS AÍ COMO É UM LUGAR BEM ESCONDIDO, O PESSOAL RECORREU PRA LÁ E AGORA TÁ COM GRANDE RISCO. AÍ EU TÔ TENDO QUE, DE VEZ EM QUANDO, PEDIR PRA SAIR MAIS CEDO DO TREINO PRA PODER CHEGAR AQUI CEDO. PORQUE SE CHEGAR AQUI TARDE, TÁ TUDO DESERTO E É BEM PERIGOSO.

Sonora Rosilene – EU TÔ TRISTE, EU QUERIA IR EMBORA PARA MINHA TERRA. MORO AQUI HÁ VINTE ANOS, MEU MARIDO, HÁ QUASE 30 ANOS, MAS EU TÔ COM MUITA VONTADE DE IR EMBORA. SÓ NÃO FUI AINDA POR CONTA DO RAVEL.

Sonora Ravel – TÁ ATÉ MAIS DIFÍCIL CHEGAR NAS OLIMPÍADAS AGORA. E SEM CONTAR QUE EU TÔ TENDO UM PREJUÍZO FINANCEIRO ENORME, PORQUE EU JÁ NÃO TINHA CONDIÇÃO DE FICAR INDO AOS TREINOS, EU PEGAVA DOIS ÔNIBUS. AGORA TÔ TENDO QUE PEGAR UM PRA DESCER DE ONDE A GENTE TÁ PORQUE É ALTO, ENTÃO AGORA EU PEGO TRÊS ÔNIBUS. TEM DIAS QUE EU TÔ TENDO QUE FALTAR AOS TREINOS, EU NÃO TENHO CONDIÇÃO DE FICAR INDO TODO DIA AOS TREINOS, PAGANDO... PREJUDICOU TOTAL.

Sonora Rosilene – PRA MUDAR FALTA MUITA COISA. MUITA.

Sonora Ravel – TEM MUITA GENTE QUE NECESSITA MAIS DO QUE A PRÓPRIA COPA. ELES TÊM MUITA RENDA ONDE PODEM PEGAR E NÃO PRECISAM TIRAR DE GENTE QUE TEM POUCA CONDIÇÃO. TEM MUITA GENTE AÍ QUE TEM CONDIÇÃO MELHOR QUE ELES PODEM TIRAR, NÃO SEI. MAS NÃO TIRAR DE QUEM NÃO TEM MAIS.

Sonora Rosilene – A GENTE TEM MUITA ESPERANÇA QUE ELE CHEGUE LÁ. O PAI INCLUSIVE TORCE MUITO POR ELE. EU TAMBÉM, MAS EU VOU TE DIZER: COM A TRISTEZA QUE EU AINDA CARREGO DE TER PASSADO POR TUDO ISSO, A MINHA MAIOR VONTADE É IR EMBORA E QUE MEU FILHO CONTINUE COM O SONHO DELE LÁ, NA MINHA TERRA, DE ONDE EU VIM.

Pergunta Thales – QUAL QUE VOCÊ ACHA QUE É A DIFERENÇA DESSE VANDALISMO QUE TÁ OCORRENDO NAS RUAS COM O JORNALISMO DE QUEM DESTRUIU SUA CASA?

Sonora Ravel – AH, EU ACHO QUE PELO MENOS O... NENHUM VANDALISMO É BOM, DE NENHUMA FORMA. MAS O VANDALISMO QUE TÁ OCORRENDO AGORA, DESSES MANIFESTOS SOBRE AS PASSAGENS, ELES ESTÃO LUTANDO POR UMA COISA QUE ELES NUNCA TIVWERAM: É O RESPEITO, É O VALOR QUE SEMPRE PREJUDICOU. ELES ESTÃO LUTANDO POR UMA COISA QUE JÁ NÃO É DE HOJE.

ENTÃO EU ACHO QUE ELES ESTÃO NERVOSOS ASSIM COM RAZÃO. PORQUE JÁ NÃO É DE HOJE QUE ELES ESTÃO SENDO PREJUDICADOS. AÍ ELES ESTÃO BOTANDO PRA FORA, ELES ESTÃO DESABAFANDO. ACHO QUE AQUI JÁ NÃO, NÉ?! JÁ NÃO TINHA NECESSIDADE DISSO PORQUE ELES SABIAM QUE DE UMA FORMA OU DE OUTRA ELES TINHAM QUE SAIR, ENTÃO ELES PODIAM TRATAR A GENTE MELHOR PELO MENOS.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todo o processo, desde a elaboração e produção até as entrevistas, edição e a transformação das reportagens em um trabalho acadêmico, foi extremamente árduo e interessante. Uma das ideias sobre ética no jornalismo que é mais promovida diz respeito ao envolvimento dos jornalistas com os personagens, a imparcialidade na hora de entrevistar, a tão proclamada isenção. Os Princípios Editoriais das Organizações Globo afirmam que “sem isenção, a informação fica enviesada, viciada, perde qualidade. Diante, porém, da pergunta eterna – é possível ter 100% de isenção? – a resposta é um simples não” (2011). É extremamente difícil colocar essa ideia em prática, principalmente em histórias igualmente tocantes e revoltantes. E o caso de Ravel o é. Impossível, e até desumano, não se solidarizar com a situação do jovem que tanto sonha disputar os Jogos Olímpicos, mas que, por este evento, viu sua família ser obrigada a recomeçar suas vidas.

Outro princípio jornalístico fundamental e que respeitamos foi o do ouvir todos os lados da notícia. Novamente, o documento das Organizações Globo teoriza: “Na apuração, edição e publicação de uma reportagem, seja ela factual ou analítica, os diversos ângulos que cercam os acontecimentos que ela busca retratar ou analisar devem ser abordados” (2011). Assim, além de ouvir o relato de Ravel e seus familiares, buscamos por representantes do Estado. Após muita insistência, conseguimos uma resposta: por meio apenas de uma nota oficial, a Prefeitura se manifestou.

Milton Santos (2007), que tanto nos ajudou a fundamentar este trabalho acadêmico, identifica, na história do capitalismo, três fases de existência da pobreza. Em suma, a ideia é que, na primeira fase, os pobres faziam parte do sistema; na segunda, eram defeitos do sistema que poderiam ser corrigidos por ações estatais; na terceira e atual, a pobreza é concebida como uma situação de total exclusão e desamparo que foge à capacidade de ação do sistema. A existência dos pobres é como um dado natural e irremediável na lógica desta fase da pobreza segundo Santos.

Logo, parece claro que a situação de Ravel foi enquadrada na terceira fase da pobreza. Desamparado e excluído pelo Estado, foi tido como algo natural da sociedade capitalista moderna, algo que existiria independente do que o Governo se propusesse a fazer. Igualmente

clara parece-nos a solução, apesar de demorada. Em um Estado democrático, todos têm o direito de ter acesso as mesmas oportunidades. E aí, justamente, é onde reside a principal crítica de especialistas contrários a realização dos grandes eventos, não só no Rio de Janeiro, como em todo o Brasil. O investimento feito e que ainda será desembolsado para tornar possível Copa do Mundo e Olimpíadas poderiam ser redirecionados para necessidades mais básicas da sociedade. No Rio de Janeiro especificamente, mas não exclusivamente, morrem pessoas em filas de hospitais públicos; de modo geral, crianças não têm acesso a um ensino público de qualidade; a segurança pública, principalmente no subúrbio, é falha; profissionais do Estado, como professores, médicos e policiais, responsáveis por três atividades fundamentais para a sociedade, recebem salários indignos para a pressão na qual exercem suas funções.

É interessante pensar, mantendo em mente a experiência pela qual a família Mendonça passou, em outra definição de Milton Santos. Em entrevista, a assistente social Ana Tereza Coutinho Penteado cita nominalmente Santos, que afirmara que “a pobreza urbana não é uma situação econômica decorrente de poucos recursos, mas de escolhas políticas que fazem das pessoas pobres cada vez mais pobres, pela dificuldade de terem acesso aos bens e serviços que deveriam ser assegurados para todos os habitantes da cidade” (2009).

Uma vez que a demolição, tanto da casa de Ravel quanto de todas as famílias do Largo do Tanque, se deu apenas por decisão política, a relação que Santos expõe é clara e óbvia. Mas é importante lembrar que essa decisão é consequência de outra. Desde os dias que o Brasil conquistou os direitos de sediar Copa do Mundo e Jogos Olímpicos essa possibilidade existia. Foi uma questão de tempo para se concretizar. Assim, se formou um paradoxo: o carioca, um povo tão acostumado a vibrar com os esportes, se viu deixado de lado por um governo que prioriza esses grandes eventos, meras propagandas, em detrimento de segurança, saúde e educação. E quem vai pagar a conta, literalmente, é essa população. Já está pagando.

6.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LIVROS, ARTIGOS E TESES

BACELLAR, Luciane & BISTANE, Luciana. Jornalismo de TV. São Paulo: Editor Contexto, 2005.

BRUNIERA, Thiago; CARVALHO, Alexandre; DIAMANTE, Fábio & UTSCHE, Sérgio. Reportagem na TV – como fazer, como produzir, como editar. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

KOTSCHO, Ricardo. A prática da reportagem. São Paulo: Ática, 2000.

LINS, Consuelo & MESQUITA, Cláudia. Filmar o real – sobre o documentário brasileiro contemporâneo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008

MASCARELLO, Fernando (org.). História do Cinema Mundial. Campinas: Editora Papirus, 2006.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço*. São Paulo: EdUSP, 2002.

SANTOS, Milton. *Pobreza Urbana*. São Paulo/Recife: Hucitec/UFPE/CNPV, 1978.

SANTOS, Milton. *Pensando o espaço do homem*. São Paulo: Hucitec, 1982.

SODRÉ, Muniz. *As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política*. Petrópolis: Vozes, 2006.

Comitê Popular Rio da Copa e das Olimpíadas. *Megaeventos violações dos direitos humanos no Rio de Janeiro: Dossiê do Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 2013.

SODRÉ, Muniz & FERRARI, Maria Helena. Técnica de reportagem – Notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1986.

SQUIRRA, Sebastião. Aprender telejornalismo: produção e técnica. São Paulo: Brasiliense, 1995.

STANDING, Guy. *The Precariat: The New Dangerous Class*. Londres: Bloomsbury Publishing, 2011.

WATTS, Harris. Um manual de técnicas de vídeo e cinema. São Paulo: Summus, 1999.

WEBSITES

Blog do Comitê Popular: <http://comitepopulario.wordpress.com/2013/02/24/largo-do-tanque-mais-uma-remocao-sumaria-para-as-olimpiadas-do-rio-de-janeiro/> Acesso em 26.11.2013, às 10h43.

ESPN: http://www.espn.com.br/video/350252_eduardo-paes-reconhece-erro-na-vila-autodromo-e-compara-tecnicos-da-prefeitura-com-soldados-nazistas Acesso em 25.11.2013, às 12h07.

G1: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2011/08/remocao-de-familias-para-obras-da-copa-e-das-olimpiadas-gera-polemica.html> Acesso em 09.11.2013, às 13h21

Globo: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2011/08/remocao-de-familias-para-obras-da-copa-e-das-olimpiadas-gera-polemica.html> Acesso em 09.11.2013 Acesso em 09.11.2013, às 17h55.

iG: <http://esporte.ig.com.br/mais/2009/10/02/rio+de+janeiro+vence+eleicao+e+apaga+passado+de+derrotas+do+brasil+8724990.html> Acesso em 09.11.2013, às 14h13

LANCENET!: http://www.lancenet.com.br/minuto/Orcamento-Olimpiada-Rio-2016-sair-so_0_1025897583.html Acesso em 09.11.2013, às 15h48

UNISINOS: <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/516848-pobreza-urbana-uma-decisao-politica-entrevista-especial-com-ana-tereza-coutinho-penteado> Acesso em 09.11.2013, às 17h13

FILMES

DOIS tempos. Direção: Arthur Fontes e Dorrit Harazim. Rio de Janeiro: Conspiração Filmes e VideoFilmes, 2011. 1 filme (82min), color.